

## JOÃO AFFONSO E OS “TYPOS URBANOS”: MODA E VESTUÁRIO ALTERNATIVO NO SÉCULO DEZENOVE<sup>1</sup>

*João Affonso and “typos urbanos”: fashion and alternative dress in nineteenth century*

Hage, Fernando; Mestre; Universidade da Amazônia - UNAMA,  
fernandohage@gmail.com<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta um conjunto de personagens, ou “typos urbanos”, desenhados entre 1879 e 1884 pelo artista e jornalista João Affonso do Nascimento (1855-1924) a partir da observação das ruas de Belém e São Luís. Essas caricaturas mostram através de seu vestuário traços culturais da diversidade e das contradições da sociedade local e sua relação com a moda europeia. Como forma de abordagem, serão utilizados os conceitos de vestuário da moda e vestuário alternativo propostos por Diana Crane.

Palavras-chave: ilustração; personagens urbanos; história da moda; Norte do Brasil; século dezanove; vestuário alternativo.

### Abstract

*The artist and journalist João Affonso (1855–1924) published in his career drawings of characters, or ‘street types’, from the city of São Luís and Belém. These sets of characters and their way of dressing show us the traits, diversity and contradictions of the Brazilian population and its relationship with European fashion. Here will be used concepts of fashionable dress and alternative dress proposed by Diana Crane.*

*Keywords: illustration; urban characters; fashion history; northern Brazil; nineteenth century, alternative dress.*

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi inicialmente publicado sob o título ‘*Typos Urbanos: João Affonso and street characters of northern Brazil in the nineteenth century*’, na revista *Film, Fashion & Consumption 2*: 3, pp. 259–272, Londres: Intellect Ltd Article, 2013. É resultado da participação do autor na conferência *A tale of three cities: a conference on contemporary Brazilian fashion in England*, realizada em novembro de 2012, organizada pelas professoras Ana Cláudia Suriani da Silva, Maria Cláudia Bonadio e Pamela Church Gibson, na University of Arts London – London College of Fashion.

<sup>2</sup> Mestre em Moda, Cultura e Arte (Centro Universitário Senac SP), Bacharel em Design (UEPA), e formação em Figurino pela Bournemouth University (Inglaterra). Atua como professor, pesquisador e orientador de iniciação científica na Universidade da Amazônia em Belém. Têm textos publicados no livro *História e Cultura de Moda* (2011) e na Revista *Dobras* (n.13, 2013). É um dos idealizadores do projeto Caixa de Criadores em Belém, que recebeu em 2012 o Prêmio Economia Criativa do Ministério da Cultura.

## Introdução

Em 1923 o livro *Três Séculos de Modas* é publicado em Belém do Pará. Escrito por João Affonso do Nascimento, este é seu único livro publicado e pode ser considerado um dos primeiros (senão o primeiro) estudo sobre história da moda escrito e publicado no Brasil. Dentro da publicação, o autor percorre as mudanças da moda entre 1616 e 1916, caminhando entre textos e ilustrações produzidas inteiramente por ele, em comemoração ao aniversário da cidade de Belém.

João Affonso nasceu na cidade de São Luís em 1852. Em quase 50 anos de carreira intelectual na capital do Maranhão e em Belém, assim como em Manaus e até Paris, onde Affonso viveu por alguns anos, ele construiu uma carreira considerável na imprensa usando suas habilidades para expressar suas ideias nos campos literário, teatral e de ilustração.

Ele começou sua carreira em um grupo de jovens intelectuais que lançaram algumas discussões na cidade maranhense na segunda metade do século dezenove. Um dos primeiros meios de expressão desse grupo maranhense, formado também por figuras como os irmãos Arthur e Aluísio Azevedo, foi a imprensa, onde eles puderam representar a realidade social circundante em seus trabalhos, usando palavras e imagens para expressar visões alternativas para questões sociais, políticas e religiosas. E eles não estariam sozinhos, já que ao passo que a litografia ganha popularidade nos círculos intelectuais do século dezenove, diversas visões e opiniões se espalham pelo Brasil através de jornais e revistas (SODRÉ, 1977).

Affonso, sozinho, publicou seus trabalhos sobre a vida diária em São Luís na revista *A Flecha* (1879-1880), produzida em sua própria residência, e do cotidiano de Belém na revista *A Vida Paraense* (1883-1884), ambos pequenos periódicos com artigos, crônicas e ilustrações que circularam entre os intelectuais próximos ao autor no período.

Esse artigo pretende apresentar um grupo de ilustrações criadas por João Affonso que apareceram nestas duas publicações, e assim demonstrar alguns aspectos da organização da sociedade local naquele período histórico. O mote para a análise dessas imagens envolve o vestuário representado nelas,

um assunto que o autor irá se debruçar posteriormente no seu livro de história da moda, que entre 56 ilustrações, irá conter três exemplos também apresentados aqui que trazem novamente questões levantadas nas duas publicações anteriores.

As ilustrações produzidas para *A Flecha* e *A Vida Paraense* são consideradas caricaturas, um estilo popularizado na segunda metade do século dezenove no Brasil, tendo como pioneiro no país o artista italiano Angelo Agostini (1843-1884). A caricatura foi uma arte controversa e bastante comentada no período, por usar o humor para tratar de temas políticos e religiosos, mas apesar do exagero muitas vezes impresso por esse estilo, é de um notável interesse o cuidado que os artistas desse período, como é o caso Affonso, tinham em desenhar personagens humanos capazes de representar a sociedade circundante com todas as suas tensões e contradições.

Pode-se conhecer a história de qualquer país através das caricaturas. Impedidos ou amenos, cruéis ou generosos, os caricaturistas com três ou quatro riscos numa folha em branco, são capazes de retratar toda uma época e reconstituir, para nós, todo um passado de interrogações. (TÁVORA, 1982, p.6)

No caso de João Affonso do Nascimento, parte dessa história é contada através do vestuário, em desenhos publicados em colunas como *Meses Maranhenses*, onde o artista criava personagens que representassem alguns aspectos culturais do calendário da cidade, *Typos da Rua* e *Galeria das Ruas*, onde Affonso apresenta figuras que transitavam pela cidade, além de outros personagens publicados em notas relativas as festividades religiosas. Em todos os casos, o vestuário é parte importante da representação. Como comenta a historiadora Diana Crane (2006, p.199),

As roupas, em seu papel de comunicação simbólica, tiveram fundamental importância no século XIX, como meio de transmitir informações tanto sobre o papel e a posição daqueles que as vestiam quanto sobre sua natureza pessoal.

Usando este conceito do vestuário como uma forma de comunicação, através dos personagens desenhados por Affonso poderemos analisar algumas práticas sociais na cidade de São Luís e Belém entre 1879 e 1884, e o relacionamento desses personagens com alguns itens de vestuário.

## Tipos das Ruas no Maranhão

Em 1621, o território português na América foi dividido em duas unidades administrativas: o Estado do Brasil e o Estado do Maranhão, com o cidade de São Luís (fundada por franceses em 1612) se tornando um espaço central de trânsito das mais diversas pessoas.

Além dos habitantes nativos, como os índios Potiguaras, Tremembés e Tupinambás, aportaram ao longo dos séculos na região os Europeus, particularmente portugueses da região de Açores, assim como os escravos africanos. Cada indivíduo trouxe consigo sua cultura e seu modo de vestir, fazendo das ruas de São Luís no século dezanove um espaço de diversidade.

No espaço urbano brasileiro do início da década de 1880, um país imperial a caminho de tornar-se uma República (em 1889), a Moda também já tinha seu lugar. Desde a chegada da Família Real em 1808, que gradativamente aumentou o contato do Brasil com o comércio de produtos europeus, a população brasileira, principalmente a elite, começa a seguir os padrões ditados pela Europa visando seu reconhecimento e distinção dentro do espaço urbano (RAINHO, 2002, p.54).

O entendimento que certos itens de vestuário de origem francesa e inglesa poderiam qualificar socialmente o brasileiro que assim o vestisse introduziu diversas apropriações da moda europeia nos códigos de vestir dos habitantes de cidades como São Luís e também Belém, e João Affonso captura isso. O primeiro personagem que demonstra a importância dada ao vestir é *Pelintra*, ilustração de João Affonso com poema de Arthur Azevedo publicada em 1879 em A Flecha (Figura 1a).

Do talhe mais na moda e côr cinzenta/um fraque ele vestia; luvas finas/apertavam-lhe as mãos; os pés botinados/de biqueiras gentis de polimento.

De charuto no queixo dobra esquinas/Lorgnon no olho; na barriga vento;/arrogante caminha; a passo lento/fazendo barretadas às meninas.

São barretadas com chapéu alheio/foi pronto o mercador em lho fiar/mas que o pague... aí está no que não creio!

Sei de muitos assim (posso afirmar)/que conduzem no corpo mundo e meio/e na bolsa não tem com que passar (AFFONSO, 1879, p.5).

O termo pelintra, segundo o dicionário Michaelis (2009), é 'próprio de quem não tem nada, mas pretende mostrar que tem alguma coisa'. Com um fraque de cor cinzenta, luvas, chapéu-coco, charuto e *lorgnon*, o personagem, mesmo sem dinheiro, carrega no corpo os objetos que teriam a capacidade de ascendê-lo socialmente. Como pontua Diana Crane ao se debruçar sobre o século dezenove,

historiadores de moda e indumentária afirmam que, pelo menos nas cidades, os homens dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra adquiriram um tipo semelhante de vestimenta em todas as classes sociais, que consistia em casaco e calças (2006, p.65).

De forma geral, esta afirmação também se adequa a realidade do Brasil no período, mas ao mesmo tempo em que este assunto pode ser lido como uma tese de democratização da moda, a autora equilibra a questão dizendo que 'embora, num sentido muito literal, a tese da democratização pareça correta, também ela silencia quanto ao grau de variação de aparência em diferentes classes sociais' (*op.cit.*, p.66). Podemos encontrar, nas ilustrações de J.A., figuras como o *Compadre Lourenço*, o *Compadre Tibúrcio* e *O Gato Pingado*, que se demonstram conectados de diferentes formas aos padrões da moda masculina disseminados pela Inglaterra a partir da metade do século XIX, e que usam ou até entendem esses padrões de vestuário de variadas formas, acentuadas através do humor da caricatura.

*Compadre Lourenço* traja camisa, colete e calças de cores claras, de certa forma adequadas ao clima tropical, com gravata borboleta escura e sapatos abotinados, mas arremata a composição com sobrecasaca aberta, um item pesado e desconfortável para a região, mas assim como a cartola e a bengala, indispensável para quem buscava status social dentro do ambiente social das ruas (Figura 1b).

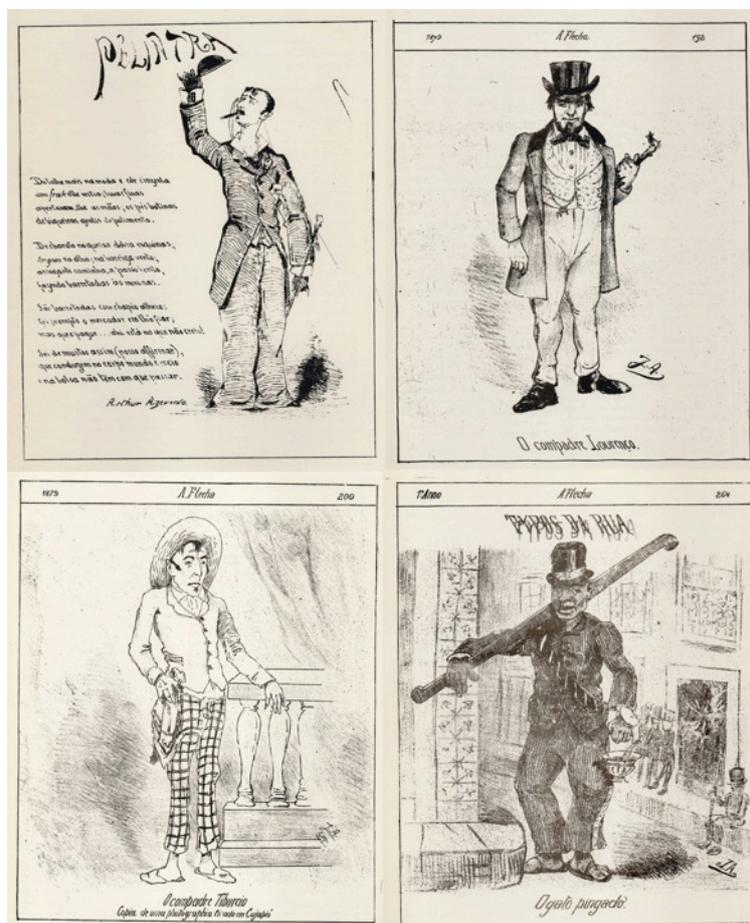
Com a ilustração do *Compadre Tibúrcio*, desenhada a partir de uma foto de um habitante da cidade de Cajapió, a 68km de São Luís, João Affonso ilustra a tentativa, que não ocorre só no ambiente urbano, de se adequar ao padrões de elegância do homem do século XIX. Tibúrcio veste calça xadrez, camisa e casaco, bem justo, em cores claras, e porta um lenço nas mãos, chapéu de palha na cabeça e chinelos nos pés, criando uma figura que ilustra

bem o conceito de caipira, ou seja, de homem do interior, nesse caso afeito aos excessos (Figura 1c).

Em seguida, temos *O Gato Pingado*, expressão utilizada para designar indivíduos pobres, sem importância. Ele é representado por um negro trajando um conjunto de camisa e calças escuras listadas, uma guia de tecido e sandálias. Na cabeça, uma cartola, mesmo amassada, era o objeto que lhe poderia conferir status no ambiente social que se vê ao fundo, mas isto, como o nome da ilustração conota, não acontecia (Figura 1d).

Os homens no século dezenove tinham ao seu dispor um conjunto interessante de itens de vestuário e de acessórios que ajudavam a compor sua personalidade social, demonstrando seus interesses por roupas e também como alguns itens de vestuário seriam capazes de confundir as classes sociais (CRANE, *op.cit.*, p.69), como no uso da cartola na caricatura d'O Gato Pingado.

**Figura 1:** Personagens masculinos das ruas de São Luís n'A Flecha. No topo: (1a) *Pelintra*, ed. 2, 1879; (1b) *O Compadre Lourenço*, ed. 24, 1879. No fundo: (1c) *O Compadre Tiburcio*, ed. 25, 1879; (1d) *O Gato Pingado*, ed. 33, 1880. Fonte: AFFONSO, 1879-1880.



Já as mulheres das classes menos abastadas do século dezenove tinham mais dificuldade em seguir os padrões do vestuário ditados pela França, como aponta Crane (op.cit) em seus estudos, e é importante não ofuscarmos essa relação.

Com uma economia baseada na exportação de produtos tropicais, incluindo o algodão, o Maranhão importava a maior parte de seus produtos para consumo interno em termos de roupas. Da Inglaterra e da França chegavam muitos dos produtos de moda como tecidos, aviamentos e itens como perfumes, luvas, leques e chapéus, que faziam parte dos trajes da sociedade maranhense principalmente em momentos especiais como os das festividades religiosas.

Essas festividades, que tiveram sua origem em manifestações católicas organizadas por missionários ou pela própria população, ao longo dos séculos foram absorvendo aspectos da cultura indígena e africana. Esses momentos festivos se tornaram ocasiões que envolviam toda a cidade e seus habitantes, onde se estabeleciam os espaços onde a população poderia expressar seus papéis sociais e personalidades individuais através do vestuário, sempre desejando mostrar-se no seu melhor.

Esse é o caso da Festa dos Remédios, a principal festividade de São Luís, em honra a Nossa Senhora dos Remédios, que estimulava o consumo de produtos da moda que eram apresentados nas ruas durante os dias de festividade, como a passagem do romance *O Mulato*, publicado em 1881 por Alúísio Azevedo, nos mostra:

...O que posso lhe afiançar, Doutor, é que não há criança que, nessa tarde, não tenha a sua pratinha amarrada na ponta do lenço. Aparecem cédulas gordas, moedas amarelas; troca-se dinheiro; queimam-se charutos caros, no bazar (há um bazar) as prendas sobem a um preço escandaloso!... (AZEVEDO, [1881] 2011, p.66).

Na ilustração *O Maranhão na Festa dos Remédios*, João Affonso apresenta uma figura feminina que veste um conjunto de peças fiel aos lançamentos europeus das décadas de 1870 e 1880: uma casaquinha fechada por botões frontais e renda no decote e mangas, saia com drapeados assimétricos e cauda, chapéu com plumas, leque, luvas e joias (Figura 2a).

Essa ilustração, mas do que ter o intuito de evidenciar a última moda das ruas do Maranhão, também ilustra, na cauda do vestido da elegante dama da cidade, problemas como a falta de dinheiro dos cofres públicos, a má administração política, o desemprego e os problemas da agricultura que assolavam a região na época, mostrando que, ao mesmo tempo em que a sociedade movimentava a economia e buscava se apresentar da melhor forma durante a Festa dos Remédios, ela negligenciava problemas graves da própria cidade. Como corrobora Diana Crane (*op.cit.*, p.198),

As roupas e as escolhas de vestuário no século dezenove constituem campos valiosos para examinar as relações entre os discursos marginal e hegemônico. Embora as histórias do vestuário elegante deem a impressão de consenso, a moda na verdade envolve um ato grau de debate e controvérsia.

João Affonso apresenta objetivamente isso através de seu desenho, onde os são pontuadas as contradições entre os problemas da cidade e a ideia de prosperidade representada pela última moda. Mas esse tipo de contradição também poderia ser apresentada de modo mais sutil, como vemos em outros exemplos de sua obra.

Uma destas contradições residia no fato de que essa sociedade de elite que financiava uma indústria das aparências em momentos como a Festa dos Remédios, muitas vezes, junto com a Igreja Católica, não aceitava outras manifestações religiosas e suas festividades, mas estas acabavam se envolvendo nos rituais católicos, tendo como um dos aspectos o próprio vestuário. Esse é o caso da Festa de São Benedito da cidade de Cururupu e da Festa do Divino da cidade de Alcântara, ambas próximas a São Luís, que apesar de serem rituais católicos, também continham traços de influência africana (FERRETI, 2007, p.3).

Na festa de São Benedito, conhecida pelo uso do tambor de crioula<sup>3</sup>, vemos pela ilustração de J.A. “um irmão e uma anja de S. Benedito”. Na imagem, o homem usa trajes comuns as classes baixas (camisa e calça) além

---

<sup>3</sup> Tipo de manifestação que envolve dança circular, canto e percussão de tambores, de origem africana, praticada inicialmente pelos descendentes de escravos do Estado do Maranhão. É considerado Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro desde 2007.

de capa, e a criança traja um conjunto de calçola e blusa com panos amarrados cruzando do ombro a cintura (Figura 2b).

A Festa do Divino, que ocorre na cidade de Alcântara e é conhecida pela predominância das mulheres em sua composição, é representada na série de ilustrações *Meses Maranhenses - Abril*. Aqui, uma mulher negra veste blusa com colo aparente, mangas bufantes com barra de renda, e saia estampada (provavelmente de chita). Como acessórios, a negra usa pulseiras, colares, brincos e arranjos de cabeça, mostrando seu apuramento na composição, além de portar bandeira e coroa relativos à festividade (Figura 2c).

Seguindo o pensamento de Crane, existe um grupo de pessoas no século dezenove que sustenta a conformidade no vestuário baseado nos discursos dominantes envoltos nos padrões europeus, e um outro grupo que expressa a tensão social através de seu vestuário alternativo, e como a autora explica, 'esses últimos englobam as perspectivas de grupos marginais que buscam a aceitação para maneiras de vestir consideradas marginais ou fora dos padrões' (op.cit., p.198).

Figura 2: Festividades na revista *A Flecha*: (2a) *O Maranhão na Festa dos Remédios*, ed. 21, 1879; (2b) *Typos Maranhenses – Irmão e o anjo de S. Benedito*, ed. 5, 1879; (2c) *Meses Maranhenses – Abril*, ed. 37, 1880.

Fonte: AFFONSO, 1879-1880.



Nas festividades representadas por Affonso, além dos padrões europeus seguidos pela alta sociedade, as roupas marginais eram uma expressão das origens dos mais diversos indivíduos que viviam no Brasil do século dezenove,

e que trouxeram consigo elementos da cultura africana e também da própria cultura indígena local, mas que muitas vezes eram desmerecidos por grande parte da população que vivia a copiar os padrões instituídos pela Europa.

Como vemos, as diversas origens e processos de contaminação cultural e miscigenação racial, fizeram do Maranhão (assim como do resto do Brasil) um espaço de diversidade e interesse social que estimulava João Affonso na produção de suas ilustrações, mas apesar do estímulo que João Affonso teria em realizar esse registro de personagens urbanos, o Maranhão não se provou o espaço ideal para as suas aspirações intelectuais e subsistência econômica, já que desde a década de 1860 o estado entrara em uma profunda crise econômica e João Affonso perderia seu emprego ao fim de 1880. Assim então, já casado na época, ele se mudaria em 1881 para a cidade de Belém, onde produziria outras caricaturas relacionadas ao cotidiano social.

### **Personagens urbanos em Belém e o livro *Três Séculos de Modas***

A cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará foi fundada em 1616 e já no século XVIII (c.1750) se tornaria a capital do Estado do Maranhão e Grão-Pará, uma nova titulação à unidade administrativa criada em 1621.

A partir da metade do século XIX, a economia da região cresce com o comércio da borracha, e na transição para o século XX, no auge da exploração e exportação, as elites de cidades como Belém e Manaus tinham a sensação de viverem a sua própria *belle époque*, importando ainda mais a arquitetura e os padrões europeus para o seu cotidiano, e isso se intensificava com os investimentos estrangeiros no país (SARGES, 2002).

Todas essas inovações e contradições estariam presentes na revista *A Vida Paraense*, publicado por Affonso entre 1883 e 1884. Na capa da edição de 10 de fevereiro de 1884 (Figura 3a), J.A. desenha a ilustração *Pará-Paris*, onde vislumbra a ideia de que futuramente, o cais do Porto poderia, assim como acontece no Rio Sena, se tornar um espaço de circulação e lazer de uma rica cidade<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Mais de um século depois, este desejo acabou se tornando realidade, com a inauguração em 2000 da Estação das Docas em Belém.

A euforia em relação ao futuro em Belém se refletia nesse momento também nos trajés de seus habitantes, que ao final do século dezenove tinham uma necessidade ainda maior de seguir os padrões europeus, e como conhecemos pelo Maranhão, essa necessidade era latente nos períodos de festividade religiosa, onde diferentes papéis sociais e contradições vinham à tona através do vestuário.

A principal festa religiosa que movimenta a cidade de Belém é o Círio de Nazaré, unindo nos dias atuais mais de 2 milhões de pessoas em torno de procissões para Nossa Senhora de Nazaré. Em 1883, João Affonso ilustrou n' *A Vida Paraense* o esmero que alguns personagens urbanos tinham na hora de se vestir para participar das mais diversas atividades que acontecem durante 15 dias.

Entre eles, encontramos o *Janota de Procissão* (Figura 3c), tipo masculino que veste o seu melhor conjunto para o momento do Círio de Nazaré, apresentado na edição 32 dentro da coluna Galeria das Ruas, e Joanna, apresentada em *Últimas Notas Nazarenas* na edição de número 20, onde J.A. ilustra e descreve os últimos momentos da festividade no arraial montado ao lado da Igreja, destacando este tipo feminino entre as belas moças presentes no local por estar 'soberba e orgulhosa com as suas luvas de retroz e o seu *pince-nez* acangalhado no nariz' (Figura 3b).

**Figura 3:** O cotidiano em Belém na revista *A Vida Paraense*; (3a) Pará-Paris, ed. 28, 1884; (3b) detalhe de *Últimas Notas Nazarenas*, ed. 20, 1883; (3c) *Janota de Procissão*, ed. 32, 1884. Fonte: AFFONSO, 1884.



Joanna não possuía luvas de couro com aplicações de renda ou um leque europeu ou asiático, mas suas luvas e leques eram uma tentativa de se manter na moda, e como nos mostra ilustração, e esse é um caso onde alguns objetos podem ser parte de um esforço para se cruzar as barreiras sociais.

O apreço que João Affonso tinha pelos personagens urbanos, seus trajes em momentos festivos, suas roupas cotidianas, e os vários códigos que estas emanavam, fez com que representá-las fosse um modo interessante de expressar a cultura através do desenho, mesmo que exagerada através da estética das caricaturas. Esse estilo de criação baseado na representação de tipos caricatos se tornaria uma das principais características do trabalho de João Affonso que culminariam em seu maior feito, seu livro de história da moda.

Após o periódico *A Vida Paraense*, que deixa de circular em 1884, João Affonso sairá por um tempo do campo da ilustração, focando na produção de artigos e colunas para diversos jornais, como a *Folha do Norte*, onde escreveu por mais de 10 anos assinando como *Joafnas*.

Finalmente, após residir em Paris no início do século vinte, graças ao rendimentos de sua firma comercial com escritórios em Manaus e Paris, Affonso voltou a desenhar entre 1915 e 1916, produzindo 56 ilustrações de suas perspectiva da história da moda, posteriormente publicadas no livro *Três Séculos de Modas*, lançado em 1923 como comemorativo aos 300 anos da cidade de Belém.

Essas ilustrações, em seus desenhos originais, foram primeiramente expostas no Salão de Honra da Associação de Imprensa do Pará em Maio de 1917, como *Exposição Joafnas*, iniciativa inovadora para a época, onde todas as ilustrações foram expostas em quadros e foi distribuído aos visitantes um panfleto explicando-as, um prenúncio do que seria o livro em 1923, o primeiro livro e o último trabalho de sua carreira, dada a sua morte em 1924.

Entre as ilustrações expostas e publicadas em *Três Séculos de Modas*, podemos perceber uma predileção do autor em representar principalmente as modas europeias que foram absorvidas ao longo da história, como por exemplo, as modas na regência de Luís XIV na França, o vestuário masculino inglês e o estilo ditado por estilistas franceses como Paul Poiret e Jeanne

Paquin no início do século vinte. Nesse sistema de adoção de costumes europeus no modo de vestir brasileiro, que se intensifica ainda mais na transição do século vinte, vale destacar um outro olhar que João Affonso imprime no final do seu livro, reintroduzindo questões relacionadas ao vestuário alternativo.

Em uma atitude que remete ao seu olhar para as ruas, Affonso ilustra e descreve três figuras femininas que, mesmo recebendo influências da moda europeia, constituíram características que compõem trajes propriamente brasileiros, ou mais especificamente, nortistas. São elas a *Preta Mina* e a *Crioula do Maranhão*, ambas do estado de nascimento do autor; e a *Mulata Paraense*, das ruas de Belém.

Geograficamente, as histórias da indumentária não tiram proveito de uma lei estabelecida por folcloristas para os fatos do folclore: todo sistema indumentário é regional ou internacional, nunca nacional” (BARTHES, 2005, p. 261).

João Affonso explorou essa lei e estabeleceu uma história internacional para a maior parte de seu livro, mas registrou nuances do vestuário local ao fim de seu estudo, mostrando sua perspectiva sobre a história regional do vestuário.

No Maranhão, a Preta Mina, descalça, se veste com bata e saia rendadas, e está coberta de joias e amuletos católicos e africanos. A Crioula do Maranhão é mais afeita aos modismos europeus, e usa um vestido com floral miúdo, mangas bufantes e cauda, de tecido de qualidade inferior.

A Mulata Paraense, que é representada de duas maneiras por João Affonso, é uma figura colorida, perfumada com as raízes de cheiro da região, com flores no cabelo, sapatos menores que o seu pé, e em sua composição mais elaborada, chega a vestir saia e casaquinha de mangas bufantes, lenço nos ombros, brincos e colares, além de portar sombrinha e cesta para compras, já que a mulata trabalharia como empregada doméstica.

Segundo um desabafo de João Affonso, esses tipos de trajes, capturados pelo intelectual no final do século dezenove, estavam quase extintos das ruas ao tempo da realização do livro *Três Séculos de Modas* em 1915, e percebe-se a intenção do autor, através destas ilustrações, de

demonstrar como os modos de vestir nos contam muito sobre a sociedade e o momento histórico no qual eles estão inseridos. E, na perspectiva deste artigo, poderemos inserir esses três personagens imortalizados por J.A. em seu livro dentro da concepção de Diana Crane acerca do vestuário alternativo (2000, p.98), pois o autor preocupou-se em dar espaço para um modo de vestir marginal ou fora dos padrões em seus registros.

**Figura 5:** Tipos locais de *Três Séculos de Modas*: (5a) Preta Mina e Crioula do Maranhão, (5b) Mulata Paraense.

Fonte: AFFONSO, 1923.



## Considerações Finais

Como vimos em *Três Séculos de Modas* e nas ilustrações apresentados nas revistas *A Flecha* e *A Vida Paraense*, Affonso esteve claramente interessado no vestuário em conformidade com a cultura dominante, ou o vestuário da moda, assim como no vestuário alternativo, principalmente em relação a população do Norte do país, usando os conceitos de Diana Crane, nos mostrando a importância que alguns segmentos das sociedades davam ao vestuário europeu ao mesmo tempo em que, pelas ruas, eram capturadas também as perspectivas de grupos marginais que questionavam e cruzavam as barreiras de status, religião e cultura dominante.

Como vimos neste percurso até aqui, João Affonso desenhou os personagens urbanos do século dezenove com todos os traços de sua diversidade étnica e social, dando os primeiros passos de um conceito que concluiu no livro *Três Séculos de Modas*, que propõe o universo da moda, e suas roupas, sapatos, chapéus e luvas, sob um olhar histórico e sociológico, ou seja, capaz de decifrar a estrutura social e econômica de um país.

Segundo o bisneto de João Affonso, o poeta Paulo Mendes (1976, p.9), esse livro encerra culturalmente o século dezenove e a euforia do ciclo da borracha, que vê sua decadência após a Primeira Guerra Mundial, mas é ao mesmo tempo, como podemos perceber após um conjunto de pesquisas envoltas na carreira de João Affonso, uma obra que abre portas para um novo olhar sobre a moda dentro do contexto brasileiro (ANDRADE, 2008, p.153).

*Três Séculos de Modas*, que é de certa forma um reflexo de uma produção em mais de 40 anos de atividades na imprensa, torna-se pioneiro no Brasil na compreensão da moda como um objeto de estudo amplo e de importância intelectual, e seu criador, João Affonso do Nascimento, um importante intelectual que elaborou obras visuais e textuais capazes de representar a sociedade do século dezenove do Norte do país, com suas particularidades culturais e seus modos de vestir, fazendo do vestuário um objeto de estudo amplamente rico e inspirador, que nos proporcionou a discussão apresentada aqui.

## Referências

- AFFONSO, João. *A Flecha*, Vol. 1, ed.1-34, pp.1-288, São Luís: Typ. Do Frias, 1879-1880.
- \_\_\_\_\_. *A Flecha*, Vol. 2, ed. 35-47, pp. 1-88, São Luís: Typ. Do Frias, 1880.
- \_\_\_\_\_. *A Festa dos Vinte: Edição Especial do Jornal Ilustrado 'A Vida Paraense'*, Belém: Typ. Do Livro do Commercio, 1884.
- \_\_\_\_\_. **Três Séculos de Modas**. Belém: Livraria Universal, 1924.
- \_\_\_\_\_. 'Curriculum Vitae', *Folha do Norte*, 17 e 24 Maio, pp. 1-2, 1914.
- ANDRADE, Rita Moraes de. *Boué Souers RG 7091: a biografia cultural de um vestido*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC, 2008.
- AZEVEDO, Arthur. **O Mulato**. São Paulo: Editora Orbis, [1881] 2011.
- BARTHES, Roland. **Inéditos Vol.3: Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- CRANE, Diana. **Moda e Seu Papel Social: Classe Gênero e Identidade das Roupas**. São Paulo: Senac, 2006.
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FERRETI, Sérgio. *Contribuição Cultural do Negro na Sociedade Maranhense*. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/>>. Acessado em 15.07.2013.
- MENDES, Paulo Mendes. *Notícias sobre João Affonso*, In: AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- MICHAELIS. **Dicionário Prático Língua Portuguesa – Nova Ortografia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora UnB, 2002.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque**. 2 ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- \_\_\_\_\_. **O Naturalismo no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nossa Terra, 1992.
- SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.
- TÁVORA, Araken. **Pedro II através da caricatura**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.